

---

## EMPRÉSTIMOS DO PORTUGUÊS E NEOLOGISMOS EM YANOMAE

---

GALE GOODWIN GÓMEZ\*

---

### RESUMO

O contato permanente dos índios Yanomami com o mundo exterior começou na década de 1970. Os resultados desse contato são percebidos através do uso de palavras novas atribuídas aos objetos introduzidos pela cultura exterior do “branco”. Este artigo analisa os empréstimos do português e os neologismos com o objetivo de ilustrar tanto os aspectos fonológicos, morfológicos e semânticos da língua quanto as áreas de maior influência cultural deste contato.

**PALAVRAS-CHAVE:** Empréstimos, língua indígena, Yanomami, Amazônia.

---

### INTRODUÇÃO

Os Yanomami são o maior grupo de índios da floresta amazônica que vive ainda hoje segundo suas tradições. De uma população total de 26 mil pessoas habitando os dois lados da fronteira entre a Venezuela e o Brasil, quase 11 mil Yanomami brasileiros vivem relativamente isolados num parque indígena nos estados de Roraima e Amazonas. Apesar do contato de algumas comunidades com missionários norte-americanos nos anos 60, o convívio dos Yanomami com o mundo exterior dos brasileiros começou nos anos 70 com a construção da Perimetral Norte e cresceu, em maior escala nos anos 80, com a invasão de suas terras por garimpeiros. Hoje em várias regiões do território Yanomami há escolas indígenas onde eles aprendem a escrever em suas próprias línguas, e onde jovens Yanomami adquirem maior informação sobre o Brasil e aprendem a falar o português. Não obstante, a maioria da população Yanomami só fala suas línguas nativas. Existem quatro ou cinco subgrupos dentro da família lingüística Yanomami.<sup>1</sup> Segundo Albert e Goodwin

---

\* Professora titular do Departamento de Antropologia em Rhode Island College, Providence, Rhode Island, EUA; professora visitante no Departamento de Letras e Lingüística da Universidade Federal de Goiás de março a junho de 2001.

Gomez (1997, p. 29), os Yanomami ocidentais representam 56% da população, os Yanomami orientais 25%, os Sanumá 14% e os Yanam/Ninam 5%.

Os resultados desse contato são revelados no vocabulário das línguas Yanomami com o uso de palavras novas para os objetos introduzidos pela cultura exterior do “branco”. O foco deste artigo é o uso de empréstimos e de neologismos na língua yanomae, dialeto falado pelos Yanomami orientais, na região do Rio Demini, na comunidade de Watoriki. Os dados desta pesquisa foram recolhidos, na década de 1990, em trabalho de campo com o antropólogo francês Bruce Albert; os outros dados foram extraídos do material escolar fornecido pelo Programa de Educação Intercultural da Comissão Pró-Yanomami. O trabalho de campo foi feito com o apoio da Comissão Pró-Yanomami e teve como objetivo contribuir para os programas de saúde e educação.

Os empréstimos do português e os neologismos em yanomae revelam tanto os aspectos fonológicos, morfológicos e semânticos da língua quanto as áreas de maior influência cultural do contato com o mundo brasileiro. Entre os aspectos interessantes da língua yanomae apresentados pelos empréstimos e neologismos destacam-se a substituição e simplificação fonológica, o sistema de classificadores nominais e o uso de metáfora e da extensão de significado.

#### EMPRÉSTIMOS DO PORTUGUÊS

As palavras emprestadas do português são integradas fonologicamente ao yanomae. A presença ou ausência de fonemas correspondentes aos fonemas em português e a substituição de sons dão indícios da estrutura e dos processos fonológicos que caracterizam a língua yanomae. Por exemplo, quando uma consoante do português não existe em yanomae, ela é substituída por outro som, segundo o ponto de articulação mais próximo ou da mesma maneira de articulação. O lateral alveolar do português é substituído pelo retroflexo alveolar em yanomae:

bola	→	<i>pora a</i>
lata	→	<i>rata a</i>
lanterna	→	<i>rêtena a</i>
helicóptero	→	<i>erikopa a</i>

Freqüentemente, a mesma substituição acontece com o lateral palatal ou com o nasal palatal do português:

<b>pilha</b>	→	<i>pira a</i>
<b>colher</b>	→	<i>korea a</i>
<b>farinha</b>	→	<i>hwaria a</i>

Em outros casos, as consoantes palatais do português são substituídas pela semiconsoante palatal do yanomae:

<b>dinheiro</b>	→	<i>tiyēro kiki</i>
<b>agulha</b>	→	<i>akuya a</i>
<b>remédio</b>	→	<i>hemeyo a</i>

As fricativas labiodentais são substituídas por fricativas glotais e labio-glotais em yanomae:

<b>avião</b>	→	<i>āhioma a</i>
<b>professor</b>	→	<i>proheso</i>
<b>farinha</b>	→	<i>hwaria a</i>

Como na língua yanomae faltam oclusivas sonoras, elas são substituídas pelas oclusivas surdas correspondentes:

<b>médico</b>	→	<i>metiko</i>
<b>estudar</b>	→	<i>esituta-mu-</i>
<b>gato</b>	→	<i>katu nasi</i>
<b>agulha</b>	→	<i>akuya a</i>

Os agrupamentos de consoantes em português são separados por uma vogal ou simplificados em yanomae:

<b>escola</b>	→	<i>esikora a</i>
<b>estudar</b>	→	<i>esituta-mu-</i>
<b>injeção</b>	→	<i>isesã</i>
<b>chumbo</b>	→	<i>xopo kiki</i>
<b>lanterna</b>	→	<i>rētena a</i>
<b>contar</b>	→	<i>kota-mu-</i>

Os ditongos do português são interpretados em yanomae como vogais simples:

<b>dinheiro</b>	→	<i>tiyēro kiki</i>
<b>caixa</b>	→	<i>kaxa hika</i>

Os empréstimos demonstram um aspecto interessante da morfologia da língua yanomae: o sistema de classificadores nominais.<sup>2</sup> Os nomes não têm gênero, mas são categorizados por meio de propriedades físicas ou abstratas, que indicam também quantidade e combinação dos objetos referentes. Os classificadores são obrigatórios e seguem os nomes aos quais são associados. Os classificadores funcionam como pronomes, pois podem ocorrer sozinhos, substituindo seus nomes associados. Nos exemplos seguintes, o empréstimo *hemeyo* é seguido pelo classificador que corresponde às propriedades físicas do referente: *pë* ‘um plural geral’, *kiki* ‘um conjunto, uma coleção de objetos do mesmo tipo’, *uku* ‘um líquido em pequena quantidade’, e *upë* ‘um líquido em maior quantidade’. Outros exemplos dos mesmos classificadores são vistos na discussão de neologismos no campo semântico da “medicina ocidental”.

remédios dos brancos	→	<i>hemeyo pë</i>
remédio em <b>comprimidos</b>	→	<i>hemeyo kiki</i>
remédio em <b>gotas</b>	→	<i>hemeyo uku</i>
remédio em <b>xarope</b>	→	<i>hemeyo upë</i>

#### METÁFORA E EXTENSÃO DE SIGNIFICADO

Na área da semântica, os neologismos ilustram dois processos em função: a metáfora e a extensão de significado. A metáfora se encontra nas expressões novas que empregam nomes de animais e/ou partes do corpo, como ilustram os exemplos seguintes:

alicate	→	<i>oko naki</i> (lit. ‘dentes de caranguejo’)
botões (de camisa)	→	<i>kapixa mamoki</i> (lit. ‘olhos da camisa’)
cavador de forma côncava	→	<i>tëpë hwasipë</i> (lit. ‘costa de tamanduá’)
colher	→	<i>napë aka</i> (lit. ‘língua de ‘brancos’)
garfo	→	<i>yawere nahasiki</i> (lit. ‘garras de preguiça’)
guarda-chuva	→	<i>hewe yōpasiki</i> (lit. ‘asas de morcego’)
helicóptero	→	<i>apiama tixo a</i> (lit. ‘avião beija-flor’)
língua falada pelos brancos	→	<i>napë kahiki ã</i> (lit. ‘boca de ‘brancos’)
picareta	→	<i>yōrakirimë a</i> (lit. ‘como cornos’)
pneus do carro	→	<i>kahu mahuku</i> (lit. ‘pés do carro’)
tesoura	→	<i>naki rapë</i> (lit. ‘dentes comprimidos’)

As áreas de maior influência cultural do contato com o mundo brasileiro são aquelas em que se podem encontrar empréstimos e neologismos.

Existem também pares de palavras novas com o mesmo referente: uma palavra reflete a estrutura fonética emprestada do português, e a outra representa uma extensão do significado das palavras originais em yanomae. As palavras usadas para ‘colher’ são *korea a* e *napë aka*. Em *korea a*, a forma fonética é muito parecida com a do português; o lateral palatal / *ë* / foi substituído por um retroflexo alveolar / *r* /; *napë aka*, que literalmente quer dizer ‘língua do branco’, mostra tanto a forma física do objeto como sua proveniência. Outros exemplos são os seguintes: de cada par de palavras em yanomae (à direita), a primeira demonstra a estrutura fonética portuguesa e a segunda é uma extensão do significado literal yanomae.

caixa de madeira	→	<i>kaxa hika:</i>	<i>huu</i> (lit. ‘madeira’) <i>hika</i>
relógio	→	<i>heroxio:</i>	<i>mothoka pihi</i> (lit. ‘sol pedir/querer/pensar’)
agulha	→	<i>akuya a:</i>	<i>misi a</i> (lit. ‘espinho’)

#### VOCABULÁRIO E MUDANÇAS NO AMBIENTE SOCIOCULTURAL

O lingüista norte-americano Edward Sapir escreveu em 1912 que “é o vocabulário de uma língua que mais claramente reflete o ambiente físico e social de seus falantes”.<sup>3</sup> Essa declaração é uma das primeiras expressões da conexão entre língua, cultura e meio ambiente, hoje um foco de muito interesse na área de ecolingüística (FILL e MÜHLHÄUSLER, 2001). Na língua yanomae foram identificados 584 nomes de plantas (MILLIKEN, ALBERT e GOODWIN GOMEZ, p. 14), 170 de pássaros, 154 de artrópodes (incluindo 33 de abelhas e 23 de formigas), 69 de mamíferos, 67 de peixes e 56 de répteis (ALBERT, GOODWIN GOMEZ, inédito). Isto testemunha a riqueza da diversidade biológica da floresta amazônica, que forma o meio ambiente dos falantes de yanomae. Entretanto, mudanças no ambiente sociocultural dos falantes da língua se refletem em inovações no vocabulário.

Os primeiros neologismos em yanomae apareceram em consequência da introdução de objetos industrializados. Aos primeiros contatos, alguns objetos, como veículos, foram simplesmente observados e nomea-

dos pelos indígenas; outros, especialmente objetos de troca, foram utilizados e incorporados à vida diária dos Yanomami. Agrupando os exemplos em campos semânticos (veículos, roupa, comida, ferramentas, armas e objetos domésticos), verifica-se eles apontam para as áreas de contraste entre as duas sociedades em contato. Não existiam veículos nem estradas na vida tradicional dos Yanomami. Eles contam que sempre caminhavam, seguindo trilhas na floresta. Até mesmo o uso de canoas nos rios foi aprendido de outros grupos indígenas.

#### Veículos:

avião	→	<i>ãhioma a</i> (palavra usada hoje) <i>apiama a</i> (usada nos primeiros contatos)
helicóptero	→	<i>erikopa a</i> (palavra usada hoje) <i>apiama tixo a</i> (usada nos primeiros contatos)
escavadora, trator	→	<i>tiiruapë</i> (no tempo da construção da Perimetral Norte)
carro	→	<i>kahu a</i>
pneus do carro	→	<i>kahu mahuku</i>

A pintura corporal sempre foi a “roupa” indígena e os Yanomami gostam muito de se pintar. Não obstante, as mulheres Yanomami usam tangas de algodão para cobrir a área genital, e os homens tradicionalmente apenas seguram o pênis com um cordão. A tanga vermelha indicada na lista a seguir foi uma inovação de missionários, principalmente na Venezuela, mas não é comum no Brasil. Hoje os homens Yanomami vestem calções com mais frequência, especialmente na presença de não-indígenas.

#### Roupa:

roupa; camisa; tecido	→	<i>kapixa a</i>
botões (de camisa)	→	<i>kapixa mamuku</i>
tanga vermelha dos homens	→	<i>kapixa wakërima a; xina a</i>

A comida dos Yanomami se constitui de carne de caça, mandioca, banana e de outros produtos cultivados na roça ou encontrados na floresta. A farinha de mandioca e o uso de sal na comida foram introduzidos assim que os estranhos chegaram.

Comida:

farinha	→	<i>hwaria a</i>
manga	→	<i>maga a</i>
sal	→	<i>sao pë</i>

Uma característica das sociedades indígenas amazônicas é a falta de metal. Conseqüentemente, as ferramentas e armas foram bem recebidas pelos Yanomami tanto para facilitar o trabalho na roça como para caçar e pescar.

Ferramentas e armas:

alicate	→	<i>oko naki</i>
anzol	→	<i>uhe a</i>
cavador de forma côncavo	→	<i>tëpë hwasipë</i>
chumbo de cartuchos	→	<i>xopo kiki</i>
espingarda	→	<i>mokaa a</i>
espingarda de dois canos	→	<i>mokaa a yërekërima kupë</i>
enxada	→	<i>porepore a</i>
faca	→	<i>poo a ihirupë</i>
ferramentas (em geral)	→	<i>poo a</i>
pedaço de metal	→	<i>poo xiki</i>
machadinha	→	<i>hawowatimë a</i>
machado	→	<i>manamo koxi; poo koxi a</i>
pá	→	<i>pa a; hopokorima a</i>
picareta	→	<i>yörakirima a; hwetë h«rima thë</i>
pólvora	→	<i>ĩxĩ kiki</i>
serrote	→	<i>kirikiri a</i>
terçado	→	<i>poo patarima a; poo pata</i>

Alguns objetos domésticos têm mais utilidade do que outros na vida diária indígena. Agulhas e alfinetes são extremamente úteis no processo de tirar bichos-de-pé, parasitos que incomodam muito e são bastante comuns na floresta amazônica. As panelas de alumínio são usadas hoje em todas as comunidades Yanomami para cozinhar carne e mandioca. Já não se encontram mais as panelas tradicionais de barro. Tesouras e pentes são desejados por muitos para fazer o corte de cabelo tradicional e para tirar piolhos.

### Objetos domésticos e outros objetos de troca:

agulha; alfinete	→	<i>akuya a; misi a</i>
baú de madeira	→	<i>pawë hika</i>
bola de futebol	→	<i>póra a</i>
caixa de madeira	→	<i>kaxa hika; huu hika</i>
cigarro	→	<i>pëñnãhe hipë</i>
colher	→	<i>napë aka; korea a</i>
dinheiro dos brancos	→	<i>tiyëro kiki; tiyëro pë</i>
dinheiro de papel	→	<i>tiyëro siki</i>
espelho	→	<i>mirena a</i>
gaita, toca-fitas, rádio	→	<i>amoa hiki; amoa kiki</i>
garfo	→	<i>yawere nahasiki</i>
garrafa	→	<i>napë horokotho e</i>
garrafa de água mineral	→	<i>maũ pesi</i>
guarda-chuva	→	<i>hewe yõpasiki</i>
lanterna	→	<i>rëtena a</i>
lata, panela de metal	→	<i>rata a</i>
miçangas	→	<i>õha kiki</i>
objetos de troca	→	<i>matihi pë</i>
pente	→	<i>hwesi kiki; hwesiki</i>
pilha	→	<i>pira a; rëtena moku</i>
ralo de mandioca	→	<i>rata si</i>
rede industrial	→	<i>toutou siki</i>
relógio	→	<i>heroxio; mothõka pihi</i>
tampa de tambor de gasolina (para assar beiju)	→	<i>kãpura mamaka</i>
telhado de alumínio	→	<i>rata siki</i>
tesoura	→	<i>nakiraki; naki rapë; ãikira hiki</i>
torneira	→	<i>maũ ãpë monapë</i>

### ÁREAS DE MAIOR INFLUÊNCIA DA CULTURA BRASILEIRA

As áreas de maior influência da língua portuguesa e da cultura brasileira refletem os setores de atuação dos brancos – garimpeiros, médicos, educadores – e a interação das duas culturas. A maioria das palavras novas yanomae se encontra nos campos semânticos de objetos de troca (ver especialmente ferramentas e objetos domésticos), medicina ocidental e – o mais recente – no campo da escola e escrita. A medicina

ocidental chegou aos Yanomami quando a construção da Perimetral Norte e a invasão de suas terras por garimpeiros nos anos 70 e 80 arrasaram as comunidades indígenas com epidemias de doenças infecciosas (sarampo, catapora, coqueluche, gripe) e malária. Até os anos 90, consultas eram oferecidas esporadicamente por missionários e equipes médicas, mas somente em algumas regiões dispersas. Em 1991 a Comissão Pró-Yanomami (a então Comissão pela Criação do Parque Yanomami) estabeleceu seu primeiro posto de saúde junto à representação da Funai em Demini, com um programa de atendimento permanente para os Yanomami. Esse programa teve tanto êxito que evoluiu para a criação de uma ONG independente, URIHI – Saúde Yanomami, que atende a uma população de 5.364 pessoas, distribuídas em 96 comunidades em nove regiões indígenas Yanomami ([www.urihi.org.br](http://www.urihi.org.br)).

Nos exemplos a seguir observa-se que a malária e os problemas intestinais têm sido tratados pelos médicos brancos, usando injeções, soro e remédios em várias formas. Os novos remédios, em todas as formas (comprimidos, líquido ou gotas), foram incorporados facilmente ao sistema de classificadores nominais associados ao nome.

#### Medicina ocidental:

comprimidos para malária	→	<i>hura kiki</i>
injeção	→	<i>isesã</i>
médico	→	<i>metiko</i>
remédio líquido	→	<i>amoku nini upë</i>
para dor de estômago	→	<i>xiki nini upë</i>
remédio(s) dos brancos	→	<i>hemeyo pë</i>
remédio em comprimidos	→	<i>hemeyo kiki</i>
remédio em gotas	→	<i>hemeyo uku</i>
remédio em xarope	→	<i>hemeyo upë</i>
substância borrifada contra mosquitos	→	<i>hemeyo uxipë</i> (literalmente: ‘cinzas de remédio’)
remédio contido na seringa	→	<i>isesã uku</i>
soro	→	<i>suru uku</i>

O programa de educação da Comissão Pró-Yanomami foi estabelecido em 1995 com uma escola, também em Demini, e hoje se estende a 34 escolas em seis regiões do território Yanomami nos estados de Roraima e Amazonas.<sup>4</sup> O programa promove “uma política educacional que

valoriza a cultura Yanomami e fortalece a identidade do povo” (CCPY, 2001, p. 2), por meio da alfabetização na língua materna e da formação de professores indígenas. As professores indígenas dessas escolas tiveram um papel importante na criação de muitos neologismos no campo semântico.

Conceitos e expressões introduzidos pela escola e escrita:

alfabeto (português)	→	<i>napë thë ã oni</i>
aluno	→	<i>aruno a; hiramaiwi a; onimaiwi a</i>
apontador de lápis	→	<i>apõtato a; namotatima thë; namotima thë</i>
banco	→	<i>tikëotima huu tihî rasi; tikëowi tihî</i>
borracha	→	<i>yãhemotima thë</i>
caderno	→	<i>katenô; ãtupa siki</i>
caneta	→	<i>uximatima thë; uxi hwatima thë</i>
cartolina	→	<i>katorina; ãtupa siki kohipëowi</i>
cola	→	<i>husumamotima thë</i>
consoantes	→	<i>thëpë ã oni waxixi</i>
consoantes maiúsculas	→	<i>patarima thëpë ã oni waxixi</i>
consoantes minúsculas	→	<i>oxerima thëpë ã oni waxixi</i>
contar	→	<i>kota-mu-</i>
escola	→	<i>esikora a; onimatima yano</i>
estudar	→	<i>esikora-mu-; esituta-mu-</i>
escrever	→	<i>onia-; onima-; yãtkia-</i>
escrita	→	<i>thë ã oni</i>
giz	→	<i>naxihî ãmore; xisi a; xiixi a</i>
lápis	→	<i>huu tihî uxi; rapisi; rio hi</i>
lápis de cor	→	<i>yaro ãtupë wakëmatima thëpë</i>
letras (também: palavras)	→	<i>thëpë ã oni</i>
letras maiúsculas	→	<i>patarima thëpë ã oni</i>
letras minúsculas	→	<i>oxerima thëpë ã oni</i>
livro	→	<i>pata siki; papeo siki; papeo siki; ãtupa siki</i>
lousa, quadro	→	<i>onimatima thë</i>
matemática	→	<i>nomeru thë ã oni</i>
mesa	→	<i>huu tihika rasi; huu hikî rasi</i>
números	→	<i>nomeru kiki; nomeru pë</i>
palavras (também: letras)	→	<i>thëpë ã oni</i>
papel	→	<i>papeo siki; papeo siki; ãtupa siki</i>
pasta	→	<i>kataparisi; pasita; katapa si; prasiitikoha</i>
ponto	→	<i>thë turumano</i>

professor	→	<i>hiramatima a; proheso a</i>
régua	→	<i>hekua a; rasirima thë; xoreramotima thë</i>
revista	→	<i>ūtupa siki</i>
sílaba	→	<i>sirapa a</i>
senal de exclamação	→	<i>thë krerirano</i>
senal de interrogação	→	<i>thë xoketano</i>
tesoura	→	<i>naktraki; naktrapë; ātkira hiki</i>
tíl	→	<i>ëyëkano; onimano</i>
vírgula	→	<i>hiwarona a</i>
vogais	→	<i>thëpë ā oni naki</i>
vogais maiúsculas	→	<i>patarima thëpë ā oni naki</i>
vogais minúsculas	→	<i>oxerima thëpë ā oni naki</i>

#### Números:

0	→	<i>sero a</i>
1	→	<i>ũ a</i>
2	→	<i>toisi a</i>
3	→	<i>treisi a</i>
4	→	<i>koaturu</i>
5	→	<i>sĩku</i>
6	→	<i>seisi a</i>
7	→	<i>seti a</i>
8	→	<i>oito a</i>
9	→	<i>nohi a</i>
10	→	<i>teisi a</i>

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Algumas das palavras em português têm várias equivalentes em yanomae. Como esses conceitos e objetos de referência são de uso recente, é provável que nenhuma das variantes yanomae tenha ainda se estabelecido como preferência dos falantes. Foram apresentados anteriormente também sinônimos em yanomae em que uma palavra reflete a estrutura fonética emprestada do português e a outra representa uma extensão do significado das palavras originais em yanomae. É claro que o léxico da língua yanomae está numa fase de adaptação à nova realidade da vida dos seus falantes. O contato permanente com a sociedade

brasileira e o papel importante que os programas de saúde e de educação têm nas comunidades Yanomami repercutem na língua.

As inovações no léxico yanomae apresentadas neste artigo representam uma tentativa dos falantes de incorporar e adaptar conceitos e objetos da cultura brasileira à cultura Yanomami. É significativo que muitos dos empréstimos do português e dos neologismos estejam sendo adaptados (aos sistemas fonológicos, morfológicos e semânticos yanomae) com o consenso da comunidade que está sendo alfabetizada na língua materna. Os mesmos indígenas – professores e alunos – estão participando conscientemente do crescimento do seu próprio vocabulário junto com as mudanças culturais que acompanham a educação e o contato com a sociedade brasileira do século 21.

#### CONVENÇÕES GRÁFICAS

A transcrição dos exemplos yanomae segue geralmente o uso do alfabeto fonético internacional (IPA). O dialeto de yanomae falado na aldeia de *Watoriki* têm sete vogais (i, e, *ɨ*, *ɛ̃*, a, u, o) e treze consoantes (p, t, *th*, k, h, *hw*, s, x, r, m, n, w, y). Das vogais, duas são representadas por símbolos incomuns ao leitor ocidental: *ɨ* se refere a uma vogal fechada, tensa, central alta e não arredondada (não tem um som parecido em português), e *ɛ̃* corresponde a uma vogal central média (equivalente ao “schwa” / ə / em inglês e parecida com a vogal final da palavra portuguesa *se-da*). Todas as vogais podem ser nasalizadas, dependendo do morfema ou ambiente fonológico. Das consoantes, *th* se refere a uma oclusiva surda aspirada (parecida com a consoante inicial da palavra inglesa *tap*), *hw* a uma fricativa glotal surda arredondada/labializada (parecida com o som inicial da palavra *where* em alguns dialetos do inglês), *x* segue a ortografia do português e se refere a uma fricativa côncava surda palatoalveolar / ʃ / (como na palavra *roxo*), e *y* segue o uso fonético americano e se refere à semivogal/semiconsoante sonora palatal / j / (como na palavra inglesa *yellow*). As oclusivas / p / e / t / são pronunciadas freqüentemente como suas respectivas contrapartes sonoras / b / e / d /, mas são alofones em yanomae – isto, porém, não muda o significado das palavras.

#### ABSTRACT

Permanent contact with the outside world began for the Yanomami Indians during the 1970s. The results of this contact are revealed in the lexicons of the Yanomami languages in the use of new words for objects introduced by the “whiteman”. The following article analyzes borrowings from Portuguese and neologisms in one of these languages to illustrate some phonological, morphological, and semantic aspects of the language as well as the areas of greatest cultural influence resulting from this contact.

KEY WORDS: Loan words, indigenous language, Yanomami, Amazonia.

---

#### NOTAS

1. E. Migliazza (1972) distinguiu quatro línguas principais: yanomami, yanomam, yanam/ninam e sanima. H. Ramirez (1992) divide a família yanomami em quatro grupos de dialetos: S (sanumá), Y (considerando yanomami e yanomam como dialetos, ocidental [Yoc] e oriental [Yor] respectivamente, da mesma língua), N (ninam) e A (uma língua de dois dialetos pouco conhecidos da região do Rio Ajarani). Migliazza classificou esta última língua como dialeto da língua yanam/ninam. A língua/dialeto yanomae corresponde ao yanomam de Migliazza e Yor (yanomami oriental) de Ramirez.
2. Uma discussão detalhada da relação entre os classificadores e os pronomes se encontra em Goodwin Gómez (2000).
3. Traduzido do inglês pela autora.
4. Informações sobre o Programa de Educação Intercultural da Comissão Pró-Yanomami estão disponíveis em: <http://www.proyanomami.org.br>.

#### REFERÊNCIAS

ALBERT, Bruce; GOODWIN GÓMEZ, Gale. *Um léxico temático da língua yanomae*. [Manuscrito inédito].

\_\_\_\_\_. *Saúde Yanomami: um manual etnolingüístico*. Belém: Museu Goeldi, 1997. (Coleção Eduardo Galvão).

CCPY – Comissão Pró-Yanomami. Programa de Educação Intercultural Yanomami. Disponível em: <http://www.proyanomami.org.br/frame1/educacao.htm>. Acesso em 27 ago. 2001.

GOODWIN GÓMEZ, Gale. Noun classifiers in ethnobotanical terminology of a Yanomami language of Brazil. In: VAN DER VOORT, Hein; VAN DE KERKE, Simon (Orgs.). *Indigenous languages of lowland South América*. Leiden, Holland: Research School of Asian, African and Amerindian Studies (CNWS), Universiteit Leiden, 2000. p. 9-24.

MIGLIAZZA, Ernest Cesar. *Yanomama grammar and intelligibility*. 1972. Tese (Doutorado) – Indiana University, 1972.

MILLIKEN, William; ALBERT, Bruce; GOODWIN GÓMEZ, Gale. *Yanomami: a forest people*. Kew: Royal Botanic Gardens, 1999.

RAMIREZ, Henri. *Le Parler Yanomami des Xamatauteri*. 1972. Tese (Doutorado) – Université de Provence, Aix-en-Provence, França, 1992.

SAPIR, Edward. Language and environment. In: FILL, Alwin; MÜLHAÜSLER, Peter (Orgs.). *The ecolinguistics reader: language, ecology and environment*. London: Continuum, 2001. p. 13-23.

URIHI – Saúde Yanomami. População assistida. Disponível em: <http://www.urihi.org.br>. Acesso em: 9 ago. 2002.